

Tecnologia revive o Bar Semente em clipe imersivo

PÁGINA 2



'O Último Azul' urra forte pelo Urso de Ouro

PÁGINA 3



A exclusiva cozinha de Rafa Costa e Silva no Lasai

PÁGINA 7



2º CADERNO

Alessandra Tolc/Divulgação

Por Affonso Nunes

Belas canções não envelhecem. Que o digam Caetano Veloso e Ritchie que se reencontram para gravar uma nova versão de “Shy Moon”, canção do baiano lançada originalmente no álbum “Velô” (1984). Gravado no Studio Garage, em São Paulo, o single revisita o dueto que Caetano e Ritchie gravaram há exatos 40 anos e ganhou videoclipe com imagens dos bastidores do reencontro.

A primeira gravação de “Shy Moon” aconteceu por iniciativa de Caetano, após um encontro casual entre os dois em um camarim de São Paulo. “Caetano inovou ao rodar o país com o show ‘Velô’ antes mesmo de gravar o disco. Fiquei encantado com a música que ele cantou em inglês e fui até lá dizer o quanto tinha adorado aquela canção misteriosa sobre a Lua. Ele respondeu que talvez não a incluisse no álbum, mencionando certa incerteza quanto à letra, escrita em inglês. Para mim, soava como uma canção de ninar e, ao mesmo tempo, uma espécie de invocação pagã. Brinquei que, se ele não gravasse, eu adoraria fazê-lo. Ele riu e a conversa ficou por isso mesmo”, rebobina Ritchie.

Ritchie e Caetano Veloso em estúdio durante a gravação da faixa que Caetano criou a partir de uma visão da lua em Salvador



~ não envelhece

Quarenta anos depois do lançamento do álbum ‘Velô’, Caetano Veloso e Ritchie regravam a bela ‘Shy Moon’

a Lua e me veio a expressão ‘shy moon’, lua tímida. Quando cheguei ao Rio para gravar, já queria chamar o Ritchie porque, sendo inglês, ele cantaria no seu idioma nativo. Ele veio, gravou comigo e foi espetacular!”

Quatro décadas depois, Caetano se surpreendeu ao ouvir Ritchie interpretar “Shy Moon” durante um evento em sua homena-

gem. “Foi a melhor coisa que vi naquela noite e em muitas outras. Muito profissional, muito lindo”, elogia.

Agora, os papéis se inverteram. “Caetano elogiou minha performance e, como o arranjo vinha sendo bem recebido nos meus shows, tive coragem de convidá-lo para regravarmos o dueto em comemoração aos 40

anos da canção. Para minha felicidade, ele aceitou na hora. Estou nas nuvens com o resultado!”, celebra Ritchie que, a exemplo da versão original, executa um tocante solo de flauta na faixa. Nesse céu de gentilezas, Caetano devolve: “Cantar com Ritchie de novo, depois de ouvi-lo interpretar ‘Shy Moon’, é uma emoção intensa e bonita”.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

'Conclave' levou a melhor na premiação britânica
Bafta: 'Conclave' é melhor filme e 'O Brutalista' lidera em estatuetas

O Bafta, maior premiação britânica voltada ao cinema, premiou "Conclave", de Edward Berger, neste domingo (16), como o melhor filme.

Os troféus, porém, foram pulverizados, com Adrien Brody, de "O Brutalista", levando a estatueta de melhor ator, e Mikey Madison, de "Anora", acabou sendo esco-

lhida melhor atriz. O diretor de "O Brutalista", Brady Corbet, levou a melhor em sua categoria, e fez do filme o grande vencedor da noite, com quatro estatuetas no total, incluindo ainda trilha sonora e fotografia. Empatou com "Conclave", que embolsou também melhor filme britânico, roteiro adaptado e montagem.

Mais Bafta

"Ainda Estou Aqui", que concorria a melhor filme em língua estrangeira, foi preterido pelo polêmico "Emilia Pérez", de Jacques Audiard. Fora da lista de indicadas a melhor atriz, Fernanda Torres acompanhou Walter Salles na premiação.

Mais Bafta II

A boa notícia para a brasileira, que mira o Oscar, é que Demi Moore não venceu o Bafta, que preferiu Madison, fortalecendo a campanha de "Anora" na premiação americana e enfraquecendo a de "A Substância", filme estrelado por Moore.

Adeus, poeta

Morreu na noite de sábado (15), aos 63 anos, o compositor, escritor e poeta Mauro Santa Cecília. O autor de canções como "Por Você" e "Amor para Recomeçar" enfrentava um câncer há sete anos. Também deixa uma respeitada obra literária.

Adeus, poeta II

Santa Cecília iniciou a trajetória de compositor após o sucesso de "Por Você", parceria com Maurício Barros e Frejat, lançada no álbum "Puro Êxtase" (1998), do Barão Vermelho. A música foi regravada por artistas como Fábio Júnior e Sorriso Maroto.



Zé Paulo Becker nos bastidores da gravação do clipe

Bar Semente renasce em experiência imersiva musical

Música inédita de Zé Paulo Becker celebra o reduto musical da Lapa onde se apresentou por 20 anos

Por **Affonso Nunes**

Uma viagem imersiva pelo Bar Semente, icônico reduto da cena musical independente do Rio, ganha vida no videoclipe "Samba pro Semente", do violonista e compositor Zé Paulo Becker. A música, inédita e composta durante a pandemia, homenageia a casa onde o artista se apresentou por duas décadas. A experiência transporta o público para o ambiente intimista e efervescente do Semente, localizado na Rua Joaquim Silva, 138, no coração dos Arcos da Lapa.

Idealizado pela pesquisadora Aline Brufato, o projeto é fruto

de uma parceria entre o Laboratório Tecnologias, Diálogos e Sítios (LTDS), o Programa de Engenharia de Produção (PEP) da COPPE/UFRJ e a Escola de Música da Rocinha (EMR). A exibição do videoclipe contará com óculos imersivos, permitindo uma experiência sensorial profunda, seguida de uma conversa entre os realizadores e os alunos da EMR.

Inaugurado em 1998 na Rua Joaquim Silva, no coração da Lapa, o Bar Semente tornou-se um dos mais importantes espaços da cena musical independente carioca. Com programação dedicada ao samba, choro e MPB, a casa foi palco de nomes como Yamandu Costa, Teresa Cristina, Moyses

Marques e Zé Paulo Becker, além de funcionar como um ponto de encontro para músicos e amantes da boa música. Durante quase duas décadas, o Semente desempenhou um papel fundamental na revitalização cultural da Lapa, consolidando-se como um celeiro de novos talentos e um reduto da música brasileira. Em 2017, encerrou suas atividades físicas, mas seu legado permanece vivo na memória dos artistas e do público.

"O Semente foi um espaço de encontros, um laboratório vivo da música brasileira independente. Esse projeto busca preservar essa memória e manter viva a essência artística que floresceu ali por quase 20 anos", destaca Aline.

A iniciativa teve o apoio da Lei Paulo Gustavo e do Edital de Chamada Emergencial de Apoio a Obras Audiovisuais, viabilizados pelo Ministério da Cultura e pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro. Além da imersão audiovisual, o videoclipe traz recursos de acessibilidade, como legendagem bilíngue e audiodescrição, ampliando seu alcance e impacto cultural.

SERVIÇO

LANÇAMENTO DO VIDEOCLÍPE SAMBA PRO SEMENTE

Escola de Música da Rocinha (av. Niemeyer, 776, Auditório Rinaldo De Lamare, 18º andar, São Conrado) | 18/2, às 18h
 Entrada franca

Delírios berlinenses

Guillermo Gaza/Divulgação



Denise Weinberg e Rodrigo Santoro em 'O Último Azul', longa de Gabriel Mascaro, que está concorrendo ao Urso de Ouro no Festival de Berlim



'O Último Azul', concorrente brasileiro ao Urso de Ouro, é ovacionado com urros na projeção na Berlinale

Por **Rodrigo Fonesca**

Especial para o Correio da Manhã

Uma ovação em forma de urro contagiou a Berlinale Palast na manhã deste domingo debaixo de dois graus de frio ao fim da projeção de "O Último Azul", do pernambucano Gabriel Mascaro, na luta pelo Urso de Ouro de 2025. Nada do que se viu desde a abertura do evento (quinta passada) para cá, no rol da seleção competitiva bate de frente com a destreza do realizador de "Divino Amor" (2019) ao guiar a câmera pelas paisagens da Amazônia, driblando os clichês na representação

da floresta.

"Depois do governo Bolsonaro, o Brasil começou de novo a pulsar para o mundo e sair da atrofia", disse Mascaro na coletiva de imprensa do longa-metragem, que teve apoio do México, do Chile e da Holanda, e conta com a força da natureza Denise Weinberg em seu elenco.

Mascaro chegou ao certame alemão com "O Último Azul" cheio de prestígio. Papou o Prêmio do Júri dos Horizontes de Veneza, há dez anos, com "Boi Neon", que também levou o troféu de melhor filme no Festival do Rio de 2015. Ele esteve na Berlinale antes com o já citado "Divino Amor", que pas-

sou ainda nas telas de Sundance. O que exibiu na Alemanha neste 16 de fevereiro condensa elementos temáticos de ambos os longas, o que assinala uma assinatura autoral.

"O importante ao entrar na Amazônia era ter escuta e saber pedir licença para retratar o corpo do outro", diz o cineasta, ao lado de um luminoso Rodrigo Santoro, que põe o filme no bolso em suas sequências sempre fluviais, como um barqueiro de coração partido.

"Eu estou fazendo 50 anos inserido numa sociedade que mede o valor das pessoas por sua produtividade e encontro um filme sobre uma personagem, a figura vivida pela Denise, que se recusa a aceitar



Rodrigo Santoro e membros da equipe do filme 'O último azul' após exibição na Berlinale

o destino traçado", disse Santoro ao Correio da Manhã.

No enredo da distopia filmada por Mascaro, o governo brasileiro passa a transferir idosos para uma colônia habitacional para "desfrutarem" seus últimos anos de vida em isolamento. Antes de seu exílio compulsório, Tereza, uma mulher de 77 anos (vivida por Denise em colossal atuação), embarca em uma jornada para realizar seu último desejo: ter dignidade... para com ela ser livre.

"Não pensei sobre a velhice ao interpretar a Tereza, até porque não vou ficar sentada numa cadeira de balanço fazendo crochê", disse Denise ao Correio da Manhã. "Tereza tem curiosidade. Quem ainda tem vontade de fazer as coisas não quer envelhecer".

O Festival de Berlim segue até o dia 23, sendo que, na véspera dessa data, o júri presidido pelo cineasta Todd Haynes anuncia os ganhadores dos prêmios oficiais (Ursos de Prata) e do troféu principal, o Urso dourado. "O Último Azul" se lança na dianteira da briga pelas láureas por sua originalidade ao abordar o etarismo, construindo um Brasil futurista, fictício, com regras próprias e toques de realismo mágico, como o caracol da baba azul, cujo visco dá clarividência a quem pingá-lo nos olhos.

O único concorrente forte de "O Último Azul" até aqui é "Dreams", do mexicano Michel Franco, sobre um bailarino imigrante com risco de deportação apesar da carreira exitosa em San Francisco.



Tesouros da Berlinale

Os achados da reta inicial da 75ª Berlinale, numa programação que aposta na renovação autoral, sem abrir mão de medalhões

Aline Arruda/Divulgação

Berlinale/Divulgação



No Beast, So Fierce

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Encumbindo-se da tarefa de inaugurar os trabalhos da 75ª Berlinale, moderando a mesa de debates do júri oficial deste ano, presidido pelo diretor Todd Haynes, Tricia Tuttle, a atual curadora do festival alemão, recém-empossada no cargo, explicou que “a arte da escuta” sempre foi o atributo principal do evento. Por isso, ao sair da direção artística do BFI London Film Festival para assumir a guarda da maratona cinéfila germânica, a programadora quis emular essa habilidade de “escutar” abrindo seus ouvidos para os ecos autorais do Presente. Ouviu expressões de indignação, lamentos e brados de guerra, mas soube decantar cânticos de prospecção nada catastrofistas, a fim de compor uma seleção que mira o porvir, do mundo e da própria arte cinematográfica. Não por acaso, escalou uma produção pautada pela esperança para representar o Brasil na corrida pelo Urso de Ouro: o estonteante “O Último Azul”, rodado por Gabriel Mascaro. Confira a seguir o que Berlim viu de melhor além dessa joia nacional.

Berlinale/Divulgação



Duas Vezes João Liberada



'A Melhor Mãe do Mundo'

“A MELHOR MÃE DO MUNDO”, de Anna Muylaert (Brasil): Shirley Cruz demarca para sempre sua relevância como atriz de escopo internacional ao viver a catadora de material reciclável Gal, com base em um vasto espectro de gestos, usando o silêncio como um cinzel para esculpir a dor de sua personagem. O dilema de Gal é

proteger a filha e o filho, ambos menores, do atual companheiro, um segurança que parte pra pancada quando exagera na cerveja. A direção da realizadora de “Que Horas Ela Volta?” (2015) cartografa uma São Paulo a céu aberto, resiliente.

LITTLE TROUBLE GIRLS (“Kaj

Spok Films



'Little Trouble Girls'

Berlinale/Divulgação



Beginnings

Berlinale/Divulgação



The Old Woman With The Knife

Divulgação



'Maya, Donne-Moi un Titre

ti je deklica”), de Urška Djukić (Eslovênia): Um estudo sobre o benquerer e as sequelas que ele pode trazer no despertar da primavera da vida. Na trama, montada com elegância, Lucia, uma jovem introvertida de 16 anos, entra para o coral feminino de sua escola católica, onde faz amizade com Ana-Maria, uma aluna popular e sedutora do terceiro ano. Durante um retiro de fim de semana em um convento remoto no campo, para ensaios intensivos, a crescente fascinação de Lucia por um restaurador começa a prejudicar seu vínculo com Ana-Maria e o restante de suas colegas de canto. Em meio a um ambiente desconhecido e ao despertar de sua sexualidade nascente, Lucia se vê questionando suas crenças e valores.

MAYA, DONNE-MOI UN TITRE, de Michel Gondry (França): Cerca de 21 anos depois de rodar “Brilho Eterno De Uma Mente Sem Lembranças” (2004), o mestre do videoclipe resolve apostar na animação, fazendo um experimento nas raias da colagem, estruturado como uma carta de amor à sua filha. Faz dela personagem, numa reflexão sobre como as crianças reinventam a realidade a partir de referências banais do cotidiano, como batatas fritas.

DUAS VEZES JOÃO LIBERADA, de Paula Tomás Marques (Portugal): A partir das vivências de um corpo avesso ao binarismo histórico, inconformado com o dito “determinismo biológico”, este experimento poético festeja o desejo de pessoas que almejam ser as profetas de suas próprias histórias, embora a Inquisição cruze seu caminho.

NO BEAST, SO FIERCE (“Kein Tier. So Wild.”), de Burhan

Qurbani (Alemanha): Cinco anos depois do visceral “Berlin Alexanderplatz” (2020), o realizador renano de origem afegã volta à Berlinale com uma reinvenção de “Ricardo III” centrada nas quadrilhas de origem árabe. Kenda Hmeidan tem uma atuação de escaldar o frio alemão no papel de Rashida, a filha mais nova o clã York, que ascende como líder do submundo de Berlim. Sua forma de retratar tiroteios deixaria Vin Diesel com inveja.

BEGINNINGS (“Begyndelser”), de Jeanette Nordahl (Dinamarca): Destaque de “A Garota da Agulha” (hoje na MUBI e no páreo do Oscar), Trine Dyrholm foi premiada pela Berlinale em 2016, por “A Comunidade” e, desde então, filme após filme, ela se impõe como uma estrela de prestígio global, sempre levando a potência dramática escandinava consigo. Em seu filme mais recente, Trine vive Ane, cujo casamento com Thomas está nos finalmentes, pois ele já tem uma namorada. Depois que ela sofre um derrame, ele decide ficar, reinventando a relação.

THE OLD WOMAN WITH THE KNIFE (“Pa-gwa”), de Min Kyu-dong (Coreia do Sul): Eis a cota anual de thrillers da terra de “Parasita” (2019). Sua estrela, Lee Hye-young, tem uma elegante atuação no papel da matadora Hornclaw (Hye-young). Ela se sustenta desde os anos 1970 como assassina. Na briga com faca, ninguém ganha dela. Sua vida mundana, mas sangrenta, toma um rumo inesperado quando conhece um jovem assassino cheio de gana que deseja trabalhar ao seu lado. Ela reluta e refuta, mas saca o talento do moço. Aos poucos, um incidente do passado vem à tona, num indício de que ele esconde uma sujeira da grossa.

Fantasmagorias de borracha



Cinema peruano se impõe no Fórum, ala mais experimental do Festival de Berlim, com o ensaio

documental 'La Memoria De Las Mariposas', sobre o mercado seringueiro

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Numa alquimia de inquietudes, a produtora Isabel Madueño Medina e a cineasta Tatiana Fuentes Sadowski apelam para o substantivo “constância” para traduzir o requisito de quem sonha viver profissionalmente de cinema no Peru. Só com empenhos constantes, na busca por apoios e fontes de materiais iconográficos ou audiovisuais planeta afora, elas foram capazes de tirar “La Memoria De Las Mariposas” do papel. A Berlinale, em sua 75ª edição, reconheceu os esforços da dupla, abraçando esse experimento documental como um dos achados de seu Fórum.

É lá que nascem os filmes “inclassificáveis” na fricção sinestésica de texturas e sons. A expressão estética delas carrega uma bandeira política – na forma de processar registros em Super-8 – ao abordar a violência histórica con-

tra os povos indígenas peruanos. Pode-se dizer que o continente latino todo está refletido na forma como Tatiana processa símbolos ligados à extração da borracha na América do Sul.

“Os fantasmas que povoam o filme não são marcas da borracha, mas, sim, das elites que nos exploraram”, explica Tatiana ao Correio da Manhã. “Algumas instituições nos cederam seus acervos de memória para a construção da narrativa, que queremos levar para as populações que integram o circuito de exploração que mostramos”.

Diretora de “La Huella” (2012), Tatiana teve sua atenção capturada por uma foto antiga de dois homens indígenas levados a Londres para serem “civilizados” por volta da virada do século XX. Seus nomes eram conhecidos - Omarino e Aredomi – mas pouco ou quase nada se sabia sobre eles. Por isso, Tatiana sentiu-se compelida a se aprofundar no passado da dupla – e de sua pátria. O que faz em “La Memoria De Las Mariposas” é



A produtora Isabel Madueño Medina e a diretora Tatiana Fuentes Sadowski levam 'La Memoria de las Mariposas' à Berlinale 2025

desconstruir a história oficial do comércio extrativista e colonial borracheiro no final do século XIX e início do século XX.

“Uma fotografia é um arquivo e todo arquivo é uma porta aberta para uma investigação, que não precisa de objetividade, mas se comporta como evidência”, diz Tatiana, que rodou o longa com um orçamento estimado

em US\$180 mil. “Todo arquivo é um espectro”.

Ela compartilha seus achados sobre Omarino e Aredomi com os descendentes deles e filma suas intervenções. O êxito de “La Memoria De Las Mariposas” na Berlinale demarca a força documental peruana no planisfério cinéfilo. “Ainda sofremos na demora dos fundos e lidamos com um estado que quer censurar temas, para evitar assuntos espinhosos”, explica Isabel Madueño Medina, que cuidou da produção. “Viemos aqui com um filme que gera debate.

A 75ª Berlinale segue até o dia 23.

Excelência pós-‘Parasita’

Warner Bros



Robert Pattinson numa das encarnações de Mickey Barnes

Passaram-se seis anos desde que Bong Joon Ho voltasse às telas depois de ganhar a Palma de Ouro e quatro Oscars com “Parasita” (2019), mas a espera por seu regresso valeu cada segundo a julgar pela inventividade que o diretor sul-coreano esbanjou na Berlinale com “Mickey 17”. Já de estreia marcada no Brasil, para o dia 6 de março, a superprodução é uma ficção científica que põe o atual Batman, o inglês Robert Pattinson, para contracenar consigo mesmo.

“Trouxe algumas referências dos animes japoneses para criar esse personagem”, disse o ator ao Correio da Manhã, numa coletiva inchada de gente.

Bong criou o filme com base no romance “Mickey7”, de Edward Ashton. O enredo que vem da literatura fala da confusão

em que o falido Mickey Barnes (papel de Pattinson) se mete ao aceitar viajar para o mundo gelado de Niflheim, como expendável (descartável). O termo é usado para colonizadores que aceitam se submeter a um processo de clonagem, tratado como “impressão”, a partir do qual corpos são reproduzidos, sem defeitos, preservando a memória do organismo antecessor.

Em meio a esse processo, no qual várias “cópias” dão defeito, o 17º clone de Mickey vinga e acaba por se envolver num levante contra um político (Mark Ruffalo) empenhado em erradicar as criaturas (em forma de ácaros gigantes) de Niflheim. O humor é contagiante na atuação de Pattinson, que contracena consigo mesmo. (R.F.)

Uma experiência para poucos

Restaurante brasileiro mais bem pontuado no World's 50 Best, o carioca Lasai combina ingredientes clássicos em menu degustação exclusivo que só atende 10 clientes por noite

Por Josimar Mello (Folhapress)

A premiação dos melhores restaurantes da América Latina de 2024 (promovido pela lista World's 50 Best não causou surpresa pelo vencedor - a parrilla Don-julio - já vencedora em 2020 e continuava ali na boca do gol. A novidade foi a lista dos brasileiros: pela primeira vez o melhor colocado do país foi o restaurante carioca Lasai (número sete no ranking total), do chef Rafa Costa e Silva.

Enquanto restaurantes investem fortunas (em reais e dólares) em promoção, o agora melhor restaurante brasileiro na lista chega ao posto sem ter nem sequer a habitual assessoria de imprensa (até meras fotos têm que ser pedidas direto ao chef).

Rafa Costa e Silva não corresponde ao perfil tão em voga do chef carismático, vaidoso, midiático. Ao contrário, parece sempre fechado e sisudo, compenetrado apenas em sua cozinha. Uma imagem que desde 2023 seus clientes podem ver de bem perto: depois de nove anos na casa de dois andares que havia inaugurado com sua mulher, Malena Cardiel, no bairro de Botafogo, ele se mudou para ali perto, mas num imóvel bem menor. Agora são servidos somente dez clientes por noite, num balcão onde a finalização dos pratos acontece a poucos centímetros dos comensais.

A biografia de Rafa poderia sugerir que sua cozinha fosse algo mais intrincada e difícil de assimilar. Afinal, antes de voltar ao Brasil ele passou quatro anos trabalhando (e chegando a braço direito do chef) em um dos restaurantes mais cultuados do mundo, o Margaritz, no país Basco, famoso pela culinária cerebral, conceitual de Andoni Aduriz.

Pois o Lasai não parece nada com isto. A obsessão técnica que Rafa trouxe de sua experiência foi colocada a serviço de uma cozinha de valores básicos. Seu investimento é nos ingredientes, obtidos majoritariamente nas redondezas Rio de Janeiro com produtores orgânicos familiares ou em seus dois sítios. Seu foco é nos sabores perfeitamente identificáveis em alquimias que surpreendem pela singela combinação de poucos mas poderosos elementos.

Os vegetais brilham no menu (que muda constantemente) - como exemplo, estão dois crocantes: um de araruta, salada verde com folha e ervas da horta e creme de limão, para comer como um sanduíche; e o de linhaça com diferentes tipos de beterrabas da horta e creme de ricota.

Legumes também compõem com protagonismo pratos de pescados (peixes pescados com linha, frutos do mar de fornecedores de confiança): vide o tempura de chuchu com barriga de atum nacional e vinagrete de pimenta dedo-de-moça;



O chef Rafa Costa e Silva prepara e finaliza seus pratos numa cozinha e balcão à vista dos clientes

o biscoito de polvilho com palmito cru e assado e vieira de Santa Catarina; e o aipim cozido na manteiga de garrafa com crocante de aipim, ovas de peixe curadas e folhas suculentas.

Numa refeição feita em novembro último, a sequência de pratos salgados foi arrematada com a copa-lombo de porco moura assada, o minúsculo pepino-melão e cebola fresca (ambos da horta), no caldo de cabeça de porco

As sobremesas também podem ser delicadas como caqui com erva-cidreira e pólen, ou crocante de iogurte com sorbet de lichia fresca e chocolate branco tostado.

Seguindo uma moda atual (que não me convence), os pães são servi-

dos no meio do menu, não no início - mas vale a espera, especialmente pelo diáfano brioche de mandioca com manteiga de semente de girasol e requeijão fresco.

O Lasai só funciona com reservas, e o serviço é todo realizado simultaneamente para os dez clientes. É uma sequência de aproximadamente 15 pratos (pequenos, nada de empanturrar), ao preço salgado de R\$ 1.250, fora as bebidas (mais R\$ 638) sabiamente harmonizadas pela sommelière Maíra Freire.

SERVIÇO

LASAI

Largo dos Leões 35, Humaitá
Reservas: www.lasai.com.br

Fotos/Divulgação



Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.